

PREVALÊNCIA DA SÍNDROME DE BURNOUT EM ENFERMEIROS ATUANTES EM UTI

2013

André de Paulo Duarte

Graduando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás
andreduarte@pucg.com

Sebastiana Maria de Paulo Nunes

Pós-graduanda em Cuidados Intensivos em Enfermagem pela Faculdade Estácio de Sá
sm-paula@hotmail.com

Angela Aparecida de Oliveira

Pós-graduanda em Cuidados Intensivos em Enfermagem pela Faculdade Estácio de Sá
andreduarte@pucg.com

RESUMO

A enfermagem é considerada uma profissão altamente desgastante, o que leva alguns autores a relacionar diretamente as condições de trabalho destes profissionais a altos níveis de estresse. Não obstante, a considerar o potencial risco do desenvolvimento da Síndrome de Burnout, especialmente nos enfermeiros atuantes em UTI. O objetivo deste trabalho é verificar através de revisão bibliográfica em artigos científicos publicados nos últimos seis anos em diversas plataformas, a prevalência da Síndrome de Burnout em enfermeiros atuantes em UTI.

Palavras-chave: Enfermagem, UTI, estresse, síndrome de *burnout*,

INTRODUÇÃO

Burnout é uma expressão inglesa que se levada ao pé da letra tem como significado: Burn: queimar, e out: esgotado. Ou seja, queimar até o fim, ou esgotamento. Já o termo Síndrome de

Burnout, foi utilizado em 1974 pelo psicanalista J. Freudenberger para designar em termos médicos um estado de esgotamento mental. (ESTELA L., 2011)

Segundo BENEVIDES e PEREIRA 2002, a síndrome de Burnout é caracterizada por um estado de tensão emocional e estresse crônico que está diretamente relacionado com condições de trabalho, físicas, emocionais e psicológicas desgastantes. Já segundo MASLACH e JACHSON (IN ESTELA 2011), tal síndrome pode ser considerada como algum tipo de resposta inadequada a um estresse emocional crônico e pode levar o indivíduo ao esgotamento físico e mental com alto sentimento de cansaço, e insatisfação para com o ambiente de trabalho e suas devidas funções, além de adotar sentimentos de frieza em relação a seus companheiros e/ou clientes.

Sobre os aspectos favoráveis ao desenvolvimento, segundo TAMAYO E TRÓCCOLI 2002 (IN HELENA; CARLOS; JOAQUIM, 2008) esta síndrome relaciona-se mais com o ambiente de trabalho, do que ao profissional em si, ou seja, é um fato mais social do que genético.

Outros autores relatam como principal fator desencadeante o estresse prolongado, que pode levar ao esgotamento físico e mental, apresentando como principais características o desgaste emocional, a despersonalização e a redução na satisfação pessoal, ou seja, a pessoa apresenta sentimento de incompetência como profissional. (OLIVEIRA, 2008).

Algumas profissões podem ser consideradas mais suscetíveis ao desenvolvimento da síndrome, justamente pela relevância do fator ambiente/social antes aludido. Profissionais de saúde, professores, agentes penitenciários, assistente sociais, bombeiros, entre outros que atuam em um estado de tensão emocional e estresse crônico relacionados com suas devidas condições de trabalho podem ser facilmente colocados nesta lista. (PANDO; BERNÁDEZ; PEREZ; ARANDA-BELTRAN; PANDA-MORANO; SALAZAR-ESTRADA; TORES-LOPEZ; ADRETE-RODRIGUEZ; PEREZ-REYS, 2004).

Vários autores corroboram que a enfermagem esta rotineiramente exposta a uma carga física e mental durante o desenvolvimento do seu trabalho, tendo tarefas que sobrecarregam o indivíduo, e a jornada de trabalho é extensa, dupla e em turnos. (RIBEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2008). Existem evidências de contato contínuo dos enfermeiros em hospitais com fatores estressantes que podem auxiliar no processo de exaustão. Sugere-se ainda maior correlação entre a síndrome e os profissionais de enfermagem atuantes em UTI. (ALVES, 2011)

São algumas das especificidades da profissão de enfermagem consideradas altamente desgastantes: contato direto com pessoas doentes e em estado de sofrimento, carentes de compaixão e atenção, muitas vezes constante; devido o relacionamento com muitas pessoas nestas condições e algumas vezes por um grande espaço de tempo, há a probabilidade de estresses devido a conflitos interpessoais; atuação de trabalho multifacetada e diversidade de cargos dentro de uma mesma instituição; divisão social do trabalho explicita muitas vezes equiparada a organização do trabalho industrial, o que resulta em profissionais em alguns

momentos compromissados noutros desesperançados; muitas vezes o enfermeiro (a) é responsável por mais de um setor hospitalar e mantém constante contato com outros profissionais, pacientes e ainda familiares dos pacientes; o hospital em si carrega historicamente uma carga emocional relacionada à dor, sofrimento e morte; longa jornada de trabalho, muitas vezes dupla, número aquém do necessário de profissionais por setor; entre vários outros. (ALVES, 2011)

Não obstante estes profissionais encontram-se mais propensos a desenvolverem sintomas específicos da Síndrome de Burnout: sentimentos de solidão, ansiedade, impotência, apatia, agressividade e cinismo, isolamento, distúrbio de humor, irritabilidade habitual, problemas cardiovasculares, imunológicos, cervicalgia, lombalgias, etc. Apresentam também implicações organizacionais como: diminuição na qualidade assistencial, absentismo elevado, diminuição do interesse e esforço para a realização de suas atividades, aumento dos conflitos interpessoais entre os colegas de trabalho e até abandono do emprego. (PANDO et al 2004).

O objetivo deste trabalho é Analisar e descrever os fatores de risco desencadeantes da Síndrome de Burnout, e verificar sua prevalência em enfermeiros que atuam em UTI.

Sobre a UTI e os Profissionais de Enfermagem que nela Atuam

As Unidades de Terapia Intensiva (UTI) surgem no decorrer da história, com o desenvolvimento tecnológico e científico, para atender aos cuidados especiais que a constante terminalidade da vida humana exige. Destinam-se especificamente a pacientes em estados graves e que precisam de atendimento médico ou de enfermagem ininterruptos, contando com aparelhagem e profissionais qualificados para tais casos. (CHAVES; MASSAROLLO, 2009)

Em sua atuação profissional, além de uma gama de situações altamente estressantes, muitas vezes o enfermeiro é exposto a sentimentos como dor, sofrimento e morte, dividindo tais sentimentos diretamente com o paciente e família, o que lhe acarreta mais estresse e desgaste. Há de se considerar ainda mais problemática a situação dos enfermeiros atuantes em UTI, lugar completamente artificial, desde iluminação ao ar condicionado, e com uma carga ainda maior de sofrimento, dor e morte. (MURASSAKI; VERSA; INOUE; MELO; MATSUDA; 2011). Lugar onde lhe é exigido extrema competência técnica e científica, uma vez que todas as decisões destes profissionais relativas aos pacientes podem ser cruciais e resultar em mortes. (INOUE K; MATSUDA; 2010)

Especificidades da Síndrome de Burnout

A Síndrome de Burnout pode ser desencadeada por estresse prolongado, e é de difícil identificação nos estágios iniciais. É um estado intermediário entre saúde e doença, e uma reação do corpo quando em confronto com o agente estressor. Essa reação se dá em três estágios. Alarme: é rápida, e ainda não são identificados os agentes estressores; Resistência: é mais lenta podendo durar anos, onde o corpo se adapta a nova situação, restabelecendo o equilíbrio interno; Exaustão é a extinção da resistência, resultando na doença, e colapso corporal. (OLIVEIRA, 2008)

De acordo com outros autores existem algumas peculiaridades da síndrome. São elas exaustão emocional, despersonalização e a baixa realização profissional. A exaustão emocional: tem como causa maior o conflito pessoal e a carga das atividades realizadas, caracterizando certa falta de energia e um sentimento de incapacidade ou aversão em relação ao trabalho; A despersonalização: Tem-se certo cinismo ou mesmo dissimulação afetiva e irritabilidade excessiva com assuntos relacionados ao trabalho. Muitas vezes estes profissionais são tidos como desumanos ou descomprometidos pela frieza ou rigidez afetiva para com os outros no trabalho; E a baixa realização profissional: Caracterizada pelo baixo sentimento de realização profissional e auto-estima, ausência de sentimentos como competência êxito ou mesmo prazer no exercício da função. (BATISTA; CARLOTO; COUTINHO S. C., 2011).

PEREIRA (2002) citado por OLIVEIRA (2008) define os sintomas de Burnout em:

Físicos: fadiga progressiva, mialgias ou osteomusculares, distúrbios do sono, cefaléia, enxaqueca, perturbações gastrointestinais, imunodeficiência, transtornos cardiovasculares, distúrbios respiratórios, disfunção sexuais, alterações menstruais nas mulheres; Psíquicos: falta de atenção, desconcentração, alterações de memória, pensamentos lentos, sentimentos de alienação, sentimentos de solidão, impaciência, sentimento de impotência, labilidade emocional, dificuldade de auto-aceitação, baixa auto-estima, astenia, desanimo, disforia, depressão, desconfiança e paranóia; Comportamentais: negligencia ou escrúpulo excessivo, condutas aditivas e evitativas, irritabilidade, incremento da agressividade, incapacidade para relaxar, dificuldade para aceitar mudanças, perda da iniciativa, aumento do consumo de substâncias lícitas e ilícitas, comportamento de risco e ate suicídio; Defensivos: isolamento, sentimento de onipotência, perda do interesse pelo trabalho, absentéismo, ímpetos de abandonar o trabalho, insônia, cinismo. (OLIVEIRA, 2008)

É de extrema importância que se tenha um diagnóstico correto da síndrome, assim como seus fatores desencadeantes para redução de danos e eficácia do tratamento. Normalmente quem a diagnostica é um médico perito, justamente por a prevalência da Síndrome estar quase totalmente relacionada a exercícios de trabalho. (BATISTA et al, 2011)

A Prevalência da Síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem

Em pesquisa realizada por DUTRA E LIMA 2008 citados por GASPARIN; CHYLA; NAKAMURA, (2008) verificaram-se a prevalência da síndrome em (20,8%) dos enfermeiros intensivistas entrevistados, e sugeriu-se que pelo menos 1/5 dos profissionais da amostra já apresentavam indícios da Síndrome.

Já em estudo de MARTINO (2004) também citado por NAKAMURA et al (2008), estudos com enfermeiros da UTI da UNICAMP comprovaram que (59,4%) dos entrevistados encontravam-se estressados, e assim com maiores chances de desenvolverem Burnout.

Em estudo de SANTOS; ALVES; RODRIGUES; 2009, realizado com 34 enfermeiros atuantes em UTI cardiológica e geral, verificou-se que

Nove apresentaram alto nível de despersonalização e dez apresentaram alto nível de incompetência profissional, sendo que esses profissionais apresentaram alterações em mais de uma dimensão de Burnout. Havendo correlação positiva entre elas e as seguintes variáveis: sexo, especialização, tempo de trabalho na área, carga horária e trabalhar em mais de uma instituição. Neste estudo a maioria dos profissionais eram mulheres e que são mais estressadas e a maioria apresentou desgaste emocional e despersonalização em alto nível, devido à dedicação a carga dupla de trabalho como vida familiar e atividades domésticas. Sendo minoria de homens e com baixo nível de desgaste emocional e despersonalização, com relação a incompetência profissional os dois gêneros de equipararam com relação ao estado civil, 11 eram casados e 10 deles apresentaram alto nível em alguma dimensão. Dos 17 enfermeiros solteiros, oito apresentam alto nível em alguma dimensão. Dos cinco que possuíam um filho, houve seis alterações nas dimensões. Dos 24 que não possuíam filhos, houve 17 alterações nas dimensões de Burnout, no que diz respeito à especialização dos três enfermeiros que não possuíam titulação na área de enfermagem, dois apresentaram alteração. (SANTOS; ALVES; RODRIGUES; 2009).

Em pesquisa realizada em um Centro de Terapia Intensiva infantil por MACHADO; OLIVEIRA; FERREIRA; CAMPOS; BOTTI; SANTOS, (2011) mostraram que dentre os trinta e dois profissionais entrevistados, um teve o diagnóstico consolidado de Burnout, outros nove

apresentaram uma dimensão de Burnout alterada, e vinte e seis não apresentaram indícios da síndrome ou dimensões alteradas.

Uma revisão de literatura feita por FOGAÇA; CARVALHO; CÍTERO; MARTINS (2008) contém dados de pesquisa feita em (1991) por OEHLER; DAVIDSON; STARR; LEE, que encontraram em enfermeiros atuantes em UTI uma porcentagem de 24% de exaustão emocional, 7% de despersonalização e 32% de falta de realização profissional. Escores que foram considerados pelos pesquisadores como sugestivos para o desenvolvimento da Síndrome de Burnout. Em um segundo estudo realizado pelos mesmos autores a porcentagem de Burnout em enfermeiros atuantes em UTI foi de 66% incluindo o total das três sub-escalas referidas acima.

Neste mesmo estudo de FOGAÇA et al, (2008), foi considerado que médicos e enfermeiros que trabalham em UTI pediátrica e neonatal são fortes candidatos a apresentarem Síndrome de Burnout. Porém não foram apresentados mais dados referentes a pesquisas que relacionavam enfermeiros intensivistas e Burnout.

Não foram localizados mais artigos que tratassem especificamente da prevalência da síndrome de Burnout em enfermeiros atuantes em UTI. Mas verificaram-se vários artigos que relatam situações de estresse entre essa população.

Em um estudo realizado por GERRER; BIANCHI, (2008) utilizou-se a Escala Bianchi de Stress em 263 enfermeiros atuantes em UTI de todo país, sendo os pesquisados em sua maioria mulheres menores de quarenta anos. Foi verificado um índice de estresse de (60,1%), o que levou os autores a considerar a pouca influência das diferenças específicas das populações estudadas, no que se diz respeito à localização demográfica, e considerar acima de tudo às condições laborais em comum. E ainda relatar a necessidade de maiores esforços para combate ao estresse nesses locais de trabalho.

Em uma revisão bibliográfica utilizando 14 artigos do ano de 2000 a 2009, onde se predominou artigos realizados com enfermeiros que atuavam em ambientes hospitalares, concluiu-se a existência de grande carga de estresse ocupacional da profissão em todas as áreas de atuação. Foram considerados também como possíveis fontes de estresse, a dupla jornada de trabalho, a desvalorização salarial, e ainda

Relacionamento com outras unidades e supervisores; atividades relacionadas ao funcionamento inadequado da unidade; atividades relacionadas à estrutura organizacional; assistência de enfermagem prestada ao paciente; relações interpessoais, sobrecarga de trabalho; desvalorização do profissional. (ALCANTRA; MACEDO; ZANATTA, 2009)

Segundo outro estudo, onde se aplicou a Escala de Depressão de Beck em 67 trabalhadores de enfermagem atuantes em UTI verificou-se a prevalência de (28,4%) de depressão nestes

profissionais. Ressaltou-se ainda dados significativos de desânimo, tristeza e desesperança dentre estes mesmo profissionais. O que levou os autores a considerar que se deve dar maior atenção a saúde física e mental destes profissionais e suas condições de trabalho. (VARGAS; DIAS, 2011).

DISCUSSÃO

Apesar de se encontrar pouca bibliografia sobre este assunto específico, verificou-se uma considerável relação entre a Síndrome de Burnout e enfermeiros e outros profissionais da saúde que atuam em UTI nos artigos pesquisados. Há de se ponderar ainda maior incidência de pesquisa em UTI pediátricas e neonatais.

Em sua maioria, os autores relacionam diretamente as condições laborais precárias com o desenvolvimento da síndrome, e consideram menos importantes as condições constitucionais individuais, como por exemplo, a pré-disposição genética. Isso nos leva a salientar a importância do ambiente de trabalho e suas relações na gênese da Síndrome.

O estresse é um fator amplamente considerado em todos os artigos pesquisados, e pertinentes em todos os casos de incidência da síndrome nos profissionais atuantes em UTI. As causas de estresse são diversificadas, mas, não são oriundas das características específicas das populações estudadas, e têm como variável vastamente em comum as condições específicas de trabalho dos profissionais de saúde, principalmente os atuantes em UTI.

Observou-se que mesmo nos enfermeiros intensivistas e outros profissionais da saúde que não tiveram o diagnóstico concreto de Burnout, a grande maioria estudada sentia-se exposta a fatores de forte estresse, e uma parcela considerável apresentava sintomas relativos aos da síndrome, como esgotamento emocional, pouca realização no trabalho, e despersonalização, além de depressão e ansiedade.

Não obstante na maioria dos artigos pesquisados houve queixa destes profissionais quanto às condições de trabalho, dentre elas são as principais: necessidade da dupla jornada de trabalho devido à má condição salarial e especificidades da profissão como exposição ao sofrimento e morte dos pacientes.

CONCLUSÃO

Verificou-se através deste estudo bibliográfico, considerável relação entre a Síndrome de Burnout e enfermeiros e outros profissionais da saúde que atuam em UTI, principalmente pediátricas e neonatais. A principal relação citada pelos autores foi a das condições de trabalho

específicas enfrentadas por estes profissionais. Sendo o principal sintoma desencadeante o Estresse relacionado a tais condições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. RIBEIRO, Carvalho BARBOSA, Juliana Aparecida, OLIVEIRA Margareth de Souza. Síndrome de burnout e a enfermagem. São Paulo. 2008.
2. PEREIRA, Benevides. Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
3. FERREIRA Helena Maria M G. O impacto do contexto de trabalho na auto-eficácia profissional. PORTUGAL. <http://www.psicologia.pt/> 2008
4. LANDEIRO, Estela. Viagem pelo mundo da ansiedade, burnout e perturbação depressiva Centro hospitalar cova da beira. Portugal. <http://www.psicologia.pt>. 2011
5. SANTOS F. E.; ALVES J. A.; RODRIGUES a. b. Síndrome de burnout em enfermeiros atuantes em uma unidade de terapia intensiva. [s.n]. [S.1] 2009
6. FERREIRA, Taciana Caldas et al. Enfermagem em nefrologia e síndrome de burnout. Cogitare Enferm. 2012 Jan/Mar; 17 (1): 44-9. 2011.
7. FOGAÇA, Monalisa de Cássia et al. Fatores que tornam estressante o trabalho de médicos e enfermeiros em terapia intensiva pediátrica e neonatal: estudo de revisão bibliográfica. Rev Bras Ter Intensiva. 2008; 20 (3): 261-266
8. GASPARIN, Luiz Alberto et al. Síndrome de burnout em centro de terapia intensiva infantil da região centro-oeste de Minas Gerais. Minas Gerais; [s.n]. [S.1] 2011.
9. FRANÇA Salomão Patricio de Souza et al. Preditores da síndrome de burnout em enfermeiros de serviços de urgência pré-hospitalar. [s.n]. [S.1] 2011

10. GASPARIN, Luiz Alberto; CHYLA, Lucimeri; NAKAMURA Eunice Kyosen. Síndrome de burnout em enfermeiros atuantes em UTI. . [s.n]. [S.1] 2008.

11. VARGAS Divane de; DIAS Ana Paula Vieira. Prevalência de depressão em trabalhadores de enfermagem de unidade de terapia intensiva: estudo em hospitais de uma cidade do noroeste do estado São Paulo. Rev. Latino-Am. Enfermagem19(5): [09 telas] set.-out. 2011; www.eerp.usp.br/rlae, 2011.

12. LIMA, Raitza Araújo dos Santos; SOUZA Ariani Impieri de. Síndrome de burnout entre enfermeiros de um hospital geral da cidade do Recife. [s.n]. [S.1] 2012.

13. CAVALHEIRO, Ana Maria; JUNIOR, Denis Faria Moura; LOPES, Antônio Carlos. Estresse em enfermeiros que trabalham em unidades de terapia intensiva: [s.n]. [S.1] 2009

14. MOREIRA, Davi de Souza et al. Prevalência da síndrome de *burnout* em trabalhadores de enfermagem de um hospital de grande porte da região sul do Brasil. [s.n].[S.1] 2009.

15. SOUZA, Tânia Solange Bosi de; MAGNAGOI, Márcia Tereza; LISBOA, Luiz; GRIEPIII, Harter. Estresse, aspectos psicossociais do trabalho e distúrbios musculoesqueléticos em trabalhadores de enfermagem [s.n].[S.1], 2009.

16. FELICIANO, Katia Virginia de Oliveira; LIMA, Raitza Araújo dos Santos; SOUZA, Ariane Impieri de. Síndrome de Burnout entre Enfermeiros de um Hospital Geral da Cidade do Recife. [s.n] 2011.

17. FRANÇA, Salomão Patrício de Souza; MARTINO et al. Preditores da síndrome de burnout em enfermeiros de serviços de urgência pré-hospitalar. [s.n] 2011.

18. GUERRER, Francine Jomara Lopes; BIANCHI, Estela Regina Ferraz. Caracterização do estresse nos enfermeiros de unidades de terapia intensiva [s.n]. [S.1] 2007.

19. CHAVES, Adriano Aparecido Bezerra; MASSAROLLO Maria Cristina Komatsu Braga. Percepção de enfermeiros sobre dilemas éticos relacionados a pacientes terminais em unidades de terapia intensiva. Rev. esc. enferm. USP vol.43 no. 1 São Paulo Mar. 2009.

20. AMANTE, Lúcia Nazareth; ROSSETTO Annelise Paula; SCHNEIDER, Dulcinéia Ghizoni. Sistematização da assistência de enfermagem em unidade de terapia intensiva sustentada pela teoria de Wanda Horta; Ver. Esc. Enferm. USP. 2008. www.ee.usp.br.

21. SILVA Cristina Jacoveno Rosa da; ALCÂNTARA Léia Regina de Souza; MACEDO Juice Ishie; ZANATA Luiz Fabiano. *Estresse ocupacional na equipe de enfermagem descrito por área de atuação: Estudo de revisão bibliográfica.* Paraná. 2009.

22. SANCHESB Patricia Gisele; CARVALHO Maria Dalva de Barros; vivência dos enfermeiros de unidade de terapia intensiva frente à morte e o morrer. 2009

23. LEITÃO Ilse Maria Tigre de Arruda; FERNANDES Aline Leite; RAMOS Islane Costa. Saúde ocupacional: Analisando os riscos relacionados à equipe de enfermagem numa unidade de terapia intensiva. UFC. 2008.

24. Estresse e o trabalho do enfermeiro: Uma revisão bibliográfica. ALVES Ana Carolina Guerra Corrêa. Recife. 2011.

25. TRIGO Telma Ramos; TENG Chei Tung; HALLAK Jaime Eduardo Cecilio. Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. Rev. psiquiatr. Clín. vol.34 no. 5 São Paulo 2007 .

26. MARTINSI Júlia Trevisan; ROBAZZI Maria Lúcia do Carmo Cruz: O trabalho do enfermeiro em unidade de terapia intensiva: Sentimentos de sofrimento. Rev. latinoam. Enferm; 17(1): 52-58, Jan.-FEB. 2009.

27. BATISTA Jaqueline Brito Vidal; CARLOTTO Mary Sandra; COUTINHO Antônio Souto; AUGUSTO Lia Giraldo da Silva: Síndrome de burnout: confronto entre o conhecimento

médico e a realidade das fichas médicas: www.scielo.unal.edu.co/.../similar.php?... 2011, vol.27, n.4 ISSN 0102-3772.

28. FERREIRA Helena Maria M. G; GONÇALVES Carlos Manuel; COIMBRA Joaquim Luiz: O impacto do contexto de trabalho na auto-eficácia profissional: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto. Portugal. 2008.